

O PAPEL DA DÚVIDA NA FILOSOFIA TARDIA DE LUDWIG WITTGENSTEIN

Leandro Sousa Costa¹

Bortolo Valle²

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade apresentar algumas considerações sobre o problema da certeza e da dúvida na filosofia do segundo Wittgenstein. O primeiro momento de sua filosofia volta-se para uma orientação sintático-semântica da linguagem já o segundo momento volta-se para uma orientação pragmática da linguagem. A certeza e a dúvida terá seus desdobramentos a partir dessa perspectiva. Nesse sentido, certeza, linguagem e dúvida estarão numa intrínseca relação. A certeza como fator básico para a construção de um sistema cognitivo de crenças fundamentais se forma através da linguagem em um contexto. Através disso, podemos aplicar a dúvida que em certos jogos de linguagem terá sentido, em outros não.

RÉSUMÉ: Ce travail vise à présenter quelques considérations sur les problèmes de certitude et le doute dans la philosophie de Wittgenstein. Le premier moment de sa philosophie se tourne vers une orientation du langage syntaxique-sémantique, déjà la deuxième fois, Wittgenstein se tourne pour une orientation pragmatique du langage. Certitude et le doute auront les conséquences de cette perspective. En ce sens, la certitude, langage et le doute vont être dans une relation intrinsèque. La certitude que est facteur fondamental pour la construction d'un système cognitif des croyances fondamentales, se forme par la langue dans ce contexte. Grâce à cela, nous pouvons appliquer le doute que dans certains jeux de langage aura de sens, pas dans d'autres.

1 Leandro Sousa Costa – Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

2 Bortolo Valle – Doutor em Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor titular no programa de Mestrado em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, professor da Faculdade Vicentina e da Universidade Positivo.

INTRODUÇÃO

*É tão difícil encontrar o começo.
Ou melhor, é difícil começar no começo.
E não tentar recuar. (§471) ³*

Algumas discussões da filosofia voltam-se para o ponto de partida, o começo, o princípio, o fundamento do conhecimento. A dúvida é elemento preponderante na investigação filosófica. A condição epistemológica que a caracteriza opõe-se à crença, à certeza e, conseqüentemente, ao saber. Em suma, é a ausência de convicção. Com o presente artigo, vamos apresentar algumas considerações sobre o problema da dúvida na filosofia do segundo Wittgenstein, visitando sua obra tardia *Da Certeza* (1949-1951).

Apresentaremos, inicialmente, alguns elementos da primeira fase de sua filosofia que se volta para uma orientação, fundamentalmente, sintático-semântica da linguagem, tendo como chave de leitura a obra *Tractatus Logico-Philosophicus* (1918-1919). Com isso, poderemos verificar que há uma correspondência elementar entre linguagem e mundo, culminando com a sua teoria da “figuração”.

Entretanto, o que nos interessa, efetivamente, é o segundo momento de sua filosofia, onde o filósofo se voltará para uma orientação pragmática da linguagem e os pressupostos desse momento ganhará contorno através da teoria dos “jogos de linguagem” no seu livro *Investigações Filosóficas* (1936-1946). Aí, o sentido, o significado da linguagem ganhará vida no uso. O ato de duvidar terá seus desdobramentos a partir de tais perspectivas.

A dúvida, traduzida por expressões características de: “pensar”, “saber”, “crer”, na análise do filósofo de *Da Certeza*, não irá designar qualquer tipo de processo interior, pois o ato de duvidar só poderá ser compreendido na práxis cotidiana da linguagem. Ela, de fato, terá sentido apenas em um jogo de linguagem. Com isso, partiremos para nossas considerações sobre a temática proposta.

1. WITTGENSTEIN: DA TEORIA DA FIGURAÇÃO AOS JOGOS DE LINGUAGEM

*Uma nuvem inteira de filosofia
se condensa numa gotinha de gramática.⁴*

A filosofia tem sua gênese a partir do momento que o indivíduo nota a possibilidade de conhecer o mundo através de uma investigação que vai além de seu conjunto de crenças. Então, a investigação prende-se a uma consciência que deve, por sua vez, ser investigada. É a partir da modernidade⁵ que as formulações sobre os fatores cognitivos e pré-cognitivos do humano ganharam, efetivamente, uma formalização teórica independente. A modernidade, em se tratando de teoria do conhecimento, investiga o *status* da dúvida, analisando-a na perspectiva da razão. Já a filosofia do século XX, fomenta as discussões epistemológicas pautando sua análise na perspectiva relacional entre dúvida e linguagem.

Quando nos referimos à atividade filosófica do último século, deparamo-nos com um desafio, pois a pluralidade de temas discutidos não permite que nos distancie de forma suficiente para torná-los claros. Entender a filosofia e a história do pensamento hoje, nos permite desvincular, em certo sentido, de muitas perspectivas propostas ao longo de séculos por uma série de pensadores.

Ao mapear os fatores que contribuíram para uma postura intelectual, a filosofia da linguagem é a que constitui o movimento epistemológico de maior radicalidade no espírito dos teóricos do século XX. Um filósofo proeminente nessa mudança fundamental na forma de pensar é o vienense Ludwig Wittgenstein. Registra em seus escritos, uma herança teórica que contribui, efetivamente, em todos os âmbitos da filosofia, da ciência e das artes.

O pensamento de Wittgenstein possui dois aspectos fundamentais. O primeiro momento desenvolvido a partir da obra *Tractatus Lógico-Philosophicus* (1921) e o segundo momento, a partir das *Investigações Filosóficas* (1953). Essas duas obras dão contorno ao seu pensamento. Apesar de terem sido feitas em épocas diferentes e serem duas teorias distintas, entre elas há pontos de conexão.

4 WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. p. 214.

5 A filosofia moderna tem seu início no século XV e estende-se até meados do século XIX. O pensador iniciador desse momento é o filósofo francês René Descartes com a publicação da obra "Meditações".

Nesse sentido, pode-se dizer que sua filosofia foi marcada por um processo evolutivo.

Temas discutidos no *Tractatus* são, posteriormente, aprofundados nas *Investigações*, com o objetivo de reconhecer erros cometidos. O diferencial no filósofo é que, ele não abandona os princípios antigos em detrimento de outros diametralmente opostos. Com isso, desenha-se o quadro de sua filosofia.

No *Tractatus*, Wittgenstein se volta para uma reflexão que discute amplamente os fundamentos de natureza lógica e matemática. Vale ressaltar que, nessa obra, o filósofo empenhou-se em formular uma teoria que apontasse o limite da linguagem com sua expressão e os limites do mundo. Tal projeto só se tornaria possível com a investigação dos enunciados da lógica e da matemática, onde, a partir de tais pesquisas, criar-se-ia uma rigorosa linguagem de significação.

A temática dessa obra é a linguagem, ela que torna possível uma imagem do mundo, pois reflete a estrutura dos fatos. A linguagem figura, porque os fatos do mundo. Com isso, o filósofo desenvolve a teoria da figuração.

A linguagem possibilita o conhecimento do mundo, pois ele é base para a linguagem. Nesse sentido, dois aforismos da obra permitem compreender, sumariamente, a temática e as perspectivas que ele nos evidencia: “Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo”⁶. A linguagem serve para descrever as coisas do mundo e aquilo que não está no mundo é tomado pelo silêncio. Portanto, a título de conclusão desse momento de sua filosofia, Wittgenstein afirma que “sobre aquilo de que não se pode falar, deve se calar”⁷

As *Investigações filosóficas* marca o segundo momento do seu pensamento. Tem na sua formulação o método de análise *a posteriori*, pois enfatiza que a significação da linguagem se dá no seu uso, nesse sentido, as investigações devem voltar-se para o real uso da linguagem. As convenções no uso da linguagem, que se dão em um contexto, cria suas significações. A obra também apresenta a crítica ao modelo tradicional de linguagem em que a linguagem e seu domínio só se dá na aprendizagem dos nomes, quando consegue-se expressar os nossos estados de alma a partir da associação de uma imagem mental com um objeto. Então Wittgenstein afirma que a significação das palavras e o sentido delas só é possível no uso que faz delas, ou seja, na prática.

6 WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. p. 245.

7 WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. p. 281.

O denominar é uma preparação para a descrição. O denominar não é ainda nenhum lance no jogo de linguagem (...) ao se denominar uma coisa, nada está ainda feito. Ela não tem nome a não ser no jogo (...) uma palavra só tem significação no contexto da proposição.⁸

A multiplicidade nos usos da linguagem caracteriza a noção de jogos, nesse sentido, a linguagem realiza-se nos *jogos de linguagem*. Quando tomamos a noção de *jogos de linguagem* nos remetemos à linguagem aprendida, a linguagem primitiva e aos modelos de seu funcionamento. Wittgenstein caracteriza essa noção como o “processo do uso das palavras (...) o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada”⁹.

O filósofo lança mão dessa expressão pelo fato de perceber que, assim como os jogos, a linguagem tem regras de construção e determinação favorecendo assim, a indicação daquilo que é correto e tem sentido. Compreender a regra é compreender seu uso. Toma-se isso como critério de um correto entendimento na prática da linguagem e a compreensão dá-se por uma regularidade na ação em um contexto. Seguir uma regra caracteriza a noção de *jogos de linguagem*.

O que chamamos “seguir uma regra” é algo que apenas uma pessoa pudesse fazer apenas uma vez na vida? – E isso é, naturalmente, uma anotação sobre a gramática da expressão “seguir uma regra”. Não pode ser que apenas uma pessoa tenha, uma única vez, seguido uma regra. Não é possível que apenas uma única vez tenha sido feita uma comunicação, dada ou compreendida uma ordem, jogar uma partida de xadrez são hábitos (costumes, instituições). Compreender uma frase significa compreender uma linguagem. Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica.¹⁰

As regras, a técnica, o modo de emprego destas, são a expressão primitiva da noção de jogo. Nesse entremeio, seguir uma regra e conseqüentemente jogar um jogo possibilita-nos compreender a visão analógica de Wittgenstein sobre a sua concepção de linguagem no segundo momento de sua filosofia.

8 WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. p. 31.

9 WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. p. 12.

10 WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. p. 87.

2. WITTGENSTEIN: LINGUAGEM, CERTEZA E DÚVIDA

Com essa articulação geral do pensamento wittgensteiniano, trouxemos elementos suficientes para apresentar algumas considerações sobre o status da dúvida na filosofia do segundo Wittgenstein. Partir da noção de *jogos de linguagem* torna possível compreender os temas do segundo momento da filosofia wittgensteiniana. A partir disso, vamos apresentar algumas considerações sobre a problemática da dúvida em sua filosofia. Para tanto, a análise da obra *Da Certeza* é-nos necessária, nela o filósofo suscita o sentido da dúvida e os fundamentos da certeza na comunidade linguístico-cultural. Através da utilização de palavras de cunho epistêmico (“saber”, “ter certeza”, “crer”) nos nossos jogos de linguagem, postulamos o conhecimento de algo.

Os pequenos grupos humanos que formam as sociedades e compõem as grandes civilizações comunicam-se através da linguagem construída e constituída. Ao falar, podemos ordenar, repreender, indicar, afirmar, negar... duvidar. Aqui, já queremos evidenciar que o ato de duvidar, propriamente dito, a dúvida, só poderá efetivar-se se tivermos adquirido fundamentos de alguma coisa, pois “quem não tiver a certeza de fato nenhum, também não pode ter a certeza do significado de suas palavras”¹¹.

Se não tivermos aprendido algo anteriormente não será possível estabelecer uma dúvida. É preciso um núcleo de certezas básicas que forme uma estrutura conceitual na linguagem para podermos aplicar a “ferramenta” da dúvida no nosso jogo. Nesse sentido, “a dúvida vem depois da crença”¹² e é por isso que o ser humano, segundo Wittgenstein, já possui uma tendência natural a determinação de certezas, que advêm de um estímulo irreflexivo pertencente à nossa espécie, pois é “sempre graças à Natureza que aprendemos qualquer coisa”¹³. Através desse impulso damos contorno às nossas certezas básicas.

A criança aprende a acreditar num grande número de coisas. Isto é, aprende a actuar de acordo com essas convicções. Pouco a pouco forma-se um sistema daquilo em que acredito e, nesse sistema, algumas coisas permanecem inabalavelmente firmes, enquanto algumas outras são mais ou menos susceptíveis de

11 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 45.

12 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 57.

13 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 143.

alteração. Aquilo que permanece firme não o é assim por ser intrinsecamente óbvio ou convincente; antes aquilo que o rodeia é que lhe dá consciência.¹⁴

Ao serem sistematizadas pela nossa capacidade cognitiva essas certezas básicas adquiridas, nos possibilitam construir dados conceituais e através deles veicular pensamentos, através da linguagem. Entretanto não se pode mapear as perspectivas fundacionais das nossas crenças e tomá-las como objeto de análise do pensamento pois “a dificuldade é a de compreender a falta de fundamento das nossas convicções”¹⁵. “Evidentemente que aprender se baseia em crer... Aquilo que sei acredito.”¹⁶ Para Wittgenstein, é através dessa perspectiva que a análise da relação entre dúvida, certeza e linguagem deve versar.

É válido reiterar que a faculdade de estruturar linguagens se dá progressivamente pela aprendizagem e pela participação em um organismo social, que dá suporte cultural à constituição da linguagem. Entretanto, o fator biológico é preponderante para essa faculdade, pois se dá através do impulso à determinação de certezas. Nesse entremeio, Wittgenstein aponta: “pretendo conceber [a certeza, nossas crenças] como algo além de ser justificado ou injustificado; portanto, como que uma coisa animal”¹⁷.

O elemento biológico, já está presente nos primeiros textos do filósofo e o excerto a seguir ilustra a perspectiva que apresentamos nos parágrafos acima.

O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa – como também falamos sem saber como se produzem os sons particulares. A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada que ele.¹⁸

14 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 53.

15 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 59.

16 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 61.

17 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 105.

18 WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. p. 165.

Assim como a linguagem, a certeza também está inseparavelmente ligada à nossa condição de humanos pois forma uma estrutura conceitual que instala-se em nós. Com isso, o filósofo afirma: “as minhas convicções formam de facto um sistema, uma estrutura”¹⁹ e esse suporte cognitivo nos permite aplicar as regras no jogo de linguagem.

O contexto sociocultural, por meio de suas convenções primitivas e atuais nos permite organizar um sistema de crenças básicas que se tornarão fundamento da nossa cognição. Através delas habilitamos os nossos jogos de linguagem e com isso podemos lançar mãos das inúmeras ferramentas disponíveis em nossa linguagem, entre elas a dúvida.

Diante disso, a dúvida ocorrerá de fato somente quando houver elementos suficientes para pressupô-la, é através do conjunto de certezas que suscitaremos questionamentos. Nesse sentido, Wittgenstein, em uma das páginas do “*Da Certeza*”, afirma que “o próprio jogo da dúvida pressupõem a certeza.”²⁰

Entretanto, o jogo da dúvida deve voltar-se para alguma questão concreta da existência do indivíduo. Se não houver essa interdependência, o ato de duvidar não terá sentido algum.

Porque é que não me é possível duvidar de que nunca estive na Lua? E como poderia tentar duvidar disso? Antes de tudo, porque a suposição de que talvez lá tenha estado parecer-me-ia inútil. Nada resultaria disso, nada seria explicado por isso. Não se relacionaria com fosse o que fosse da minha vida. quando digo “Nada corrobora, tudo é contra”, isto pressupõe um princípio (corroborar e ser-contra). Isto é, eu tenho de ser capaz de dizer o que serviria para corroborar.²¹

Deve haver, pois, uma explicação ou algum resultado concreto para a formulação da dúvida no jogo de linguagem. Ao retomarmos a questão das crenças básicas, podemos notar um elemento fundamental em que, as mesmas crenças, ao se constituírem como uma estrutura, tornam-se passíveis a ruir, a desmoronar. Por isso que “quem tentasse duvidar de tudo, não iria tão longe

19 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 43.

20 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 47.

21 WITTGENSTEIN, L. *Da Certeza*. p. 47.

como se duvidasse de qualquer coisa”²² pois iríamos regressar sempre às nossas crenças fundacionais, àquelas aprendidas anteriormente, as quais adquirimos ao longo de nossa vivencia em sociedade.

Não será que a questão é esta: “Então e se você tivesse de mudar a sua opinião, mesmo acerca das coisas mais fundamentais?” E parece-me que a resposta é: “Você não tem de a mudar. É isso justamente o que implica elas serem “fundamentais”.”²³

As crenças fundamentais apreendidas tem um vínculo fundamental com o ato de duvidar. Para o filósofo, usar expressões que, em sua gênese, remetem-se à questão da dúvida só será possível e permitido em alguns jogos de linguagem. Pois só é possível haver conhecimento onde a dúvida, de fato, tenha sentido. O que o filósofo quer mostrar é que a “dúvida” torna-se legítima e ganha sentido, somente em uma estrutura em que ela não é objeto de dúvida.

33

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações sobre a problemática em questão mostra que certeza, linguagem e dúvida estão numa intrínseca relação. A certeza como fator básico para a construção de um sistema cognitivo de crenças fundamentais que se forma através da linguagem em um contexto, em uma sociedade, em uma cultura. Através disso, podemos aplicar a dúvida que, em certos jogos de linguagem terá sentido, em outros não.

Com Wittgenstein as perspectivas de compreensão, interpretação e análise da certeza e, evidentemente, da dúvida modificam-se. Essa nova maneira de olhar para a problemática na filosofia do ultimo século confronta-se diretamente com o momento filosófico da modernidade, porém essa temática torna-se passível de análise em outra ocasião. Em última análise crer e duvidar tem sentido na práxis cotidiana da linguagem.

22 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 47.

23 WITTGENSTEIN, L. **Da Certeza**. p. 145.

REFERÊNCIAS

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

